



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12190 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT13 - Educação Fundamental

**DEIXAR-SE SER-DOCENTE EM ESCOLAS RURAIS**

Charles Maycon de Almeida Mota - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**DEIXAR-SE SER-DOCENTE EM ESCOLAS RURAIS**

## 1 INTRODUÇÃO

Em meu percurso etnográfico na roça<sup>[1]</sup>, onde sou provocado a fazer um deslocamento de minhas formas de ver, sentir, ouvir e pensar sobre meu lugar de vida, onde constantemente estou buscando maneiras de afirmar quem sou e o que me motiva a viver este espaço da roça e, com isso, significar a docência que desenvolvo, estou sendo convocado por aquilo que me afeta, sejam coisas ou acontecimentos. Quando algo me afeta, passo a ver, sentir, ouvir, pensar e narrar a seu respeito de um modo diferente, sobrecarregado de espanto e, ao mesmo tempo, admiração. Sendo assim, passo a construir uma relação de apaixonamento com as coisas e os acontecimentos com os quais sofro a afecção. Essa afecção que me acomete traz em si uma carga intensa de sentidos outros para aquilo que sempre vi, ouvi, senti e pensei, mas não representava muita coisa em minha vida até que fosse acometido pela afecção.

O sentido que apresento com o modo de afecção pelas coisas ou acontecimentos na roça tem uma sobrecarga semântica relacionada com uma intensidade de adoecimento que carrega consigo formas de sentir e perceber a partir de uma sensibilidade que nos mobiliza a notar o que estava o tempo todo com a gente, mas não era visto, muito menos sentido. Nesse processo de etnografar a vida e a docência na roça realizo o movimento de observação, escrita, reflexão e interpretação das formas como as pessoas desse espaço produzem sentidos para habitar a roça, compreendendo que minha implicação com esse lugar me oferece condições próprias para entender como somos convocados pelos elementos que compõem a existência na roça.

Isso significa que para pensar narrativamente sobre as experiências que professores/as que habitam a roça e desenvolvem a docência em escolas neste contexto, é necessário tomar a própria vida e a experiência na roça e na docência como lastro importante que propõe modos específicos de compreensão do ser-na-roça<sup>[2]</sup>, considerando o movimento hermenêutico-interpretativo para entendimento das formas como o ser-na-roça vai sendo desvelado através do que cada ente toma para significar sua existência no espaço habitado.

Apresento aqui um recorte da pesquisa desenvolvida no processo de doutoramento<sup>[3]</sup>, desvelando sobre processos de vida de pessoas da roça a partir de um movimento de compreensão e interpretação que considera a subjetividade dos sujeitos. Diante disso, busco compreender como professores/as que atuam em escolas da roça constituem a presentificação do ser-na-roça para significar sua existência a partir da ruralidade da presença<sup>[4]</sup>.

Neste estudo utilizo como método a Pesquisa Narrativa com ênfase no movimento biográfico-narrativo, associada à abordagem qualitativa, fundamentado nas bases da fenomenologia e da hermenêutica, considerando a importância de interpretar o ser em seu contexto de vida e a partir dos sentidos que atribuem à sua condição de existir na roça. Tomo as entrevistas narrativas e as etnografias na roça como dispositivos de pesquisa. Elejo a perspectiva interpretativo-compreensiva como processo de análise das narrativas, por se colocar como possibilidade de compreensão sobre o que narram professores e professoras de escolas da roça, levando em conta seus contextos de vida. Os/as participantes da pesquisa foram uma professora e um professor dos Anos finais do Ensino Fundamental – docentes narradores/as<sup>[5]</sup>.

## 2 DESENVOLVIMENTO

As narrativas da professora Di-Acauã<sup>[6]</sup> vão evidenciando as práticas que esta desenvolve com estudantes e que se potencializam fora da escola, quando os/as estudantes são desafiados/as a produzirem ações da agricultura familiar nos quintais de suas casas ou em outros espaços da propriedade rural que vivem. Ao mencionar esse trabalho, a professora ressalta o envolvimento das famílias nas atividades solicitadas e orientadas pela escola. Isso tem dado condições de uma melhor interação desses familiares com a escola, pois são atividades que estão relacionadas com suas experiências de vida e afazeres do cotidiano na roça.

A professora Di-Acauã narra como tem percebido o desenvolvimento de um fazer docente num contexto em que a ausência de incentivos e proposta de políticas públicas se fazem escassas e como a comunidade se organiza diante dessa situação, criando possibilidades de um fazer que se produz na contramão das intencionalidades de lógicas hegemônicas que tentam privar as pessoas da roça daquilo que é direito de qualquer grupo ou

comunidade:

Acho que as políticas públicas acontecem um pouco, tinha que acontecer bem mais no investimento na escola da roça porque ainda é pouco. A escola na zona rural precisa, tem que se investir, procurar políticas públicas para que aquela escola permaneça, porque aquela escola quando é retirada daquele lugar, retira-se também a festa, o almoço em comunidade, no tempo de São João a quadrilha, que às vezes, a comunidade está ali para participar. Acho que a escola na zona rural quando é fechada, o impacto é visível, tanto para os alunos quanto para a comunidade do entorno dessa escola. Acredito que não é a melhor forma fechar a escola, mas que a escola promova e faça algo para trazer esses alunos do entorno e seja uma escola prazerosa para que eles possam estudar ali, porque às vezes eles têm essa noção de que ir para cidade é melhor, que estar dentro do ônibus é melhor, sem saber que está arriscando a sua vida, sendo que ali na escola no entorno, perto da sua casa é de grande valia para os alunos e, também, para toda a comunidade local. (Di-Acauã, entrevista narrativa, 2020)

As narrativas dessa professora trouxeram à tona situações recorrentes que as escolas da roça enfrentam, pois sempre estão em segundo plano, quando são consideradas pelas políticas públicas. Ela destaca que isso já melhorou em nosso município, mas essa visão ainda persiste, pois o movimento de fechamento de escolas de comunidades rurais vem sendo, ao longo dessas duas últimas décadas, intensificado, atendendo a concepções dos grupos hegemônicos.

Com isso, as escolas que ainda permanecem sofrem ataques e é alvo de desmonte de uma proposta que mantém a comunidade com um vínculo mínimo, ou nenhum, de representação do poder público em espaços rurais. Esta questão reforça todos os estigmas e estereótipos pejorativos que foram e, ainda, são atribuídos às pessoas da roça e seus espaços de vida, impondo para estas pessoas a condição de não-gente (MOTA; SILVA; RIOS, 2018) que vai se mantendo pelas ausências daquilo que é direito de meninos/as, homens, mulheres e idosos/as diante da constituição federal e da declaração universal dos direitos humanos.

Sebastião-Acauã menciona em sua narrativa o quanto a escola se coloca como espaço de acolhimento e proposição de envolvimento das pessoas da comunidade a partir das comemorações que são desenvolvidas neste espaço, mobilizando toda comunidade como movimento de lazer, co-formação e fortalecimento de vínculos entre esta comunidade e o espaço escolar na roça:

A escola eu posso te dizer, sou até suspeito de estar falando isso, nossa escola é referência na comunidade. Vou citar aqui vários exemplos de festa na qual a gente faz e vê as pessoas aderirem, seja festa folclórica ou não. Se você faz uma apresentação do samba de roda que mais eles gostam aqui, a escola enche de um jeito. Nossa escola tem um pátio pequeno e nós não temos na escola um ambiente no qual a gente possa fazer uma apresentação boa, então a gente apresenta mais na rua, em um lugar público como a quadra, em outro momento na praça.

Aconteceu aqui um envolvimento muito grande numa festa do licuri que a escola estava envolvida. Foi uma coisa fora do comum. A gente vê as pessoas se envolvendo. As pessoas gostam porque está falando uma linguagem delas. A mãe e o pai veem seus filhos envolvidos, botando a mão na massa. Por isso, que eles se envolvem, as pessoas

se engajam porque quando você vê as pessoas fazendo um trabalho e está envolvido naquele trabalho é muito diferente. (Sebastião-Acauã, entrevista narrativa, 2020)

A escola passa a ser o espaço que mantém a tradição viva na comunidade, isso é motivo de envolvimento de homens, mulheres, meninos/as e idosos/as que habitam a roça, pois é com esse movimento de manutenção cultural das coisas que a comunidade valoriza que essas pessoas produzem significações do existir na roça. A escola na roça passa a representar a condição do encontro e, conseqüentemente, a construção de sentimento de coletividade que possibilita e garante a produção intersubjetiva para que estas pessoas valorizem a escola e constituam uma relação referencial com este espaço na roça.

As comemorações que as escolas da roça promovem, em sua maioria, tem relação com a vivência da comunidade, sua cultura, atividades que as pessoas do lugar valorizam, por isso Sebastião-Acauã evidencia que por estas comemorações terem uma linguagem própria do lugar convocam as pessoas da comunidade a terem maior interesse. Esse falar a mesma linguagem é uma maneira de fazer menção a um modo específico de contextualização dos fazeres da docência em contextos rurais, trazendo à baila uma ênfase para as atividades que estudantes poderão apresentar para familiares. Isso é agradável e muito satisfatório para professores/as da roça pelo fato de perceber aí, uma valorização de seu trabalho como possibilidade de ressignificação das condições de ser professor/a em escolas rurais.

Pensar a escola da roça pelo lugar do envolvimento e valorização de quem vive na roça, se coloca como possibilidade para habitar a profissão docente neste espaço e lutar para que as coisas na roça sejam valorizadas, afirmando aquilo que promove condições de existir em contextos rurais e representam as formas de habitar a roça. Com esse movimento de narrar sobre a docência e vida na roça, a professora Di-Acauã passou a relatar sobre sua experiência na docência, trazendo a tona como se deu sua entrada na profissão, evidenciando momentos que são uma referência para que compreenda o que é ser professora de escolas rurais e como isso implica no desenvolvimento de seu fazer docente.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Posso compreender que o movimento de narrar sobre processos de vida-formação-profissão na roça, representa aqui, possibilidade de rever trajetórias vividas, selecionando aquilo que constituiu experiência para trans-ver a roça e a profissão docente neste contexto, de modo a buscar produzir modos de habitar a roça e a profissão para criação de pedagogias que considerem processos históricos de (re)existência da comunidade e da escola da roça. Habitar a profissão docente na roça convoca-nos a pensar sobre as questões da própria comunidade para além do âmbito estritamente pedagógico, existe aí uma construção de entendimentos que perpassam pelo nosso posicionamento político e compreensão social dos

contextos em que estamos inseridos.

A experiência do ser-docente de professores/as da roça se institui em meio a lutas e labutas para defenderem a permanência das escolas de suas comunidades por compreenderem que, além da potência que este espaço tem, é a manifestação de respeito aos direitos dos povos do campo. Isso é decência, é legal e, acima de tudo, possibilidade para afirmar uma vida autêntica numa condição da ruralidade da presença. Então, para que a narrativa da professora ecoe com força é importante nos aliar a quem tem os mesmos propósitos, buscando fazer valer que “construir escolas na roça e não demolir escolas da roça” se torne realidade.

Deixar-se ser-docente em escolas da roça é um modo de afecção que nos toma e nos condiciona a pensar a docência na roça a partir do que se encontra disposto no lugar de vida, fazendo com que signifiquemos nossas formas de ver, sentir, ouvir e narrar como possibilidade da constituição de variadas formas de produzir nossas existências na roça, de modo que possamos desenvolver com plenitude nossos fazeres e afazeres na roça. É pelo lugar da afecção que a docência na roça provoca que professores/as sentem grande indignação quando acontece o fechamento dessas escolas de suas comunidades.

## REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada Marcia Sá Cavalcante Schuback; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MOTA, Charles M. A.; SILVA, Fabrício O.; RIOS, Jane Adriana V. P.; Profissão docente e ruralidades contemporâneas: identidade e diferença nas escolas rurais. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 848-863, set./dez., 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9370/5833>. Acesso em: 19 jun. 2018.

---

[1] O vocábulo “roça” é tomado ao longo deste texto como uma ruralidade específica no âmbito das ruralidades contemporâneas, por ser defendida como termo ainda presente nos contextos linguísticos das pessoas de algumas regiões do Nordeste, principalmente das localidades rurais situadas no interior dos estados, com sentidos e significados produzidos pelos povos que habitam os espaços rurais em que a pesquisa foi desenvolvida.

[2] Este termo é apresentado a partir dos modos de ser-viver-na-roça, se colocando aqui como um constructo que tem inspiração na proposta de ser-sendo (HEIDEGGER, 2015).

[3] Pesquisa intitulada xxxxxx (AUTOR, 2022).

[4] Esse termo está construído com base nas discussões que realizamos sobre os escritos de Heidegger a partir da primeira tradução para o português feita por Marcia Sá Cavalcante (HEIDEGGER, 2015), para pensar como as existencialidades do ente constitui o ser-na-roça, conforme o que vai se dando na vida dos sujeitos que habitam os territórios rurais instituídos nos modos de ser-viver-na-roça.

[5] Os nomes dos/as docentes narradores/as na pesquisa são fictícios, atendendo às orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com Parecer Consubstanciado do CEP de nº 3.520.118.

[6] Os codinomes surgem a partir da inspiração na poesia de Manoel de Barros (2009) e faz referência a um pássaro de tamanho médio, sendo do grupo dos falcões. Seu canto é tomado como inspiração para muitas lendas folclóricas de nossa região e de outros lugares do país.